



Lixo: marchas e contramarchas de um debate fundamental

Poucos temas expressam de modo tão emblemático os dilemas da civilização moderna quanto o lixo. Desdobramento direto da pulsão consumista e de concepções negadoras da natureza, o tema articula-se funcionalmente com uma série de impactos ambientais, todos sem precedentes na história da humanidade.

Sabe-se que os dinamismos do meio natural — ventos, marés, vulcanismo, entre outros — movimentam 50 bilhões de toneladas de materiais/ano. Já as atividades humanas são responsáveis pelo deslocamento de 48 bilhões de toneladas de materiais/ano, das quais cerca de 30 bilhões são transformados em lixo.

Portanto, é impossível imaginar que o planeta possa permanecer incólume com praticamente uma “natureza” adicional agindo no mesmo espaço e no mesmo tempo. É inegável que presenciamos uma “era do lixo”, na qual a geração de descartes está paulatinamente induzindo a ocupação total da Terra pelos resíduos.

Desse modo, a necessidade de não só deter o avanço do lixo como igualmente fazê-lo retroagir se impõe de forma categórica. Nesse particular, seria oportuno afiançar o “estado da arte” dos resíduos brasileiros e a performance dos agentes econômicos enquanto protagonistas na efetivação de boas políticas de gestão do lixo.

Contrariando difuso senso comum que criminaliza *a priori* as nações afluentes como responsáveis por excelência pelos agravos ambientais, observe-se que a situação do Brasil ensejaria vários reparos. Embora a população brasileira corresponda a pouco mais de 3% da humanidade e 3,5% do PIB mundial, o

Brasil desova cerca de 5,5% dos refulgos planetários. *That is to say*: estamos descartando bem mais do que sugeriria o perfil demográfico e econômico do país.

Sublinhe-se que a metrópole paulista é o terceiro polo gerador de rebotalhos em nível global, atrás apenas de Nova Iorque e Tóquio. Entretanto, é o 13º PIB

“A reciclagem passou a integrar o cotidiano urbano em muitos pontos do país. Atualmente, 14% dos resíduos gerados no Brasil são recuperados.”

urbano. Ou seja: a conurbação gera mais lixo que Berlim, Londres e Paris, urbes contempladas com *status* de riqueza urbana bem mais encorpado.

É também importante frisar que o apelo para assegurar modelos eficientes de gestão dos resíduos não deixou de repercutir no pensamento gerencial. Um marco matricial a expressar esse propósito foi o surgimento do **Compromisso Empresarial para a Reciclagem** (CEMPRE). Fundada na cidade de São Paulo por 14 empresas privadas, em março de 1992, a instituição constituiu-se no principal fórum multissetorial do gênero no

país. Centrada em promover o conceito de Gerenciamento Integrado do Resíduo Sólido Municipal, incentivar a reciclagem pós-consumo e difundir a educação ambiental com foco na teoria dos três “R” (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), trata-se, seguramente, de ator de primeira grandeza no esforço em redirecionar os processos de ejeção de bens descartados.

O reaproveitamento do que anteriormente era estigmatizado como resto inservível tem demonstrado incisivo vigor econômico: o setor cresce dois dígitos por ano. Evidência que não tem como ser desmentida, a reciclagem passou a integrar o cotidiano urbano em muitos pontos do país. Atualmente, 14% dos resíduos gerados no Brasil são recuperados. E mais: sem contar os trabalhadores do parque industrial reciclador e segmentos direta ou indiretamente consorciados ao trabalho de recuperação de materiais, a literatura especializada contabiliza um milhão de catadores operando em todo território nacional, colaborando com para preservar o ambiente urbano e impedir o desperdício de valiosas matérias-primas.

Essa mudança é respaldada, no plano da economia dos materiais, por noções como sustentabilidade, ecodesign, ecoeficiência, análise do ciclo de vida dos produtos (*Life Cycle Assessment*) e tripé da sustentabilidade (*Triple Bottom Line*). Tais conceitos tornaram-se crescentemente indissociáveis do jargão do universo empresarial, notabilizando-se nos circuitos industriais de ponta como uma ferramenta vital para a implantação de uma produção ecoeficiente e gestão diferenciada dos resíduos sólidos.

Tendo por meta a minimização dos impactos, otimização do uso dos

insumos e diminuição da geração de rejeitos, essas metodologias tem cumprido função exemplar no periciamento do uso de matérias primas, contribuindo para ampliar a vida útil dos materiais e diminuindo a geração de lixo.

“Nem sempre as respostas do poder público têm evidenciado proficiência necessária para minimizar as interfaces mais dramáticas da ejeção dos rejeitos.”

Enquanto estratégia de gerenciamento dos circuitos produtivos, tais conceituações embasam, junto ao mundo corporativo, o interrelacionamento das esferas do social, econômico e ambiental com os princípios gerais da sustentabilidade, que são o seu cerne, todos com notória impactação positiva no tocante a um gerenciamento ótimo dos rejeitos.

Suscitando mudanças comportamentais no quadro funcional e no plano de vida pessoal dos participantes, iniciativas calcadas na transformação de atitudes projetam, simultaneamente, a força do elemento motivacional como matriz das políticas de sustentabilidade corporativa. Entretanto, face às incompletudes do monitoramento do lixo, os avanços apontados também sinalizam que ainda há muito a ser feito, razão pela qual alinháramos três considerações essenciais.

A primeira estaria endereçada aos modelos teóricos que comumente transitam na esfera das ideias. Uma ponderação axial diria respeito à recidiva tendência em trabalhar as variáveis ambientais

de forma isolada e desarticulada entre si, dando azos a leituras esquemáticas, simplistas e lineares, abrindo brecha para que estratégias, como as da maquiagem verde (*greenwashing*), ganhem ânimo e difusão.

Em contraposição a essa tendência, é necessário enfatizar que o lixo sustenta articulação concreta com ampla coleção de apensos, interpondo problemáticas que solicitam visão de conjunto. Isso implica priorizar metodologias interdisciplinares e transtêmicas, como aquelas voltadas para cartografar os engates objetivos que atam conceitualmente o debate dos resíduos sólidos aos recursos hídricos e à matriz energética, assim como referendar a filiação do lixo à materialidade social, isto é, substantivando um processo e não meramente um resultado.

No plano institucional, é fato que nem sempre as respostas do poder público têm evidenciado proficiência necessária para minimizar as interfaces mais dramáticas da ejeção dos rejeitos. Planilhas oficiais informam que apenas 2,5% dos municípios brasileiros mantêm parceria com associações e cooperativas de catadores. Mesmo nas ações de planejamento, o Estado não tem cumprido o que seria sua função obrigatória. Em 2012, ao final do prazo estabelecido para a confecção dos planos de gestão de resíduos, menos de 10% das municipalidades cumpriram sua “lição de casa”.

A própria reciclagem, embora embalando uma escalada de êxitos, tem muito chão pela frente. Nações como Alemanha, Bélgica, Suécia, Irlanda, Países Baixos e EUA reciclam, respectivamente, 48%, 35%, 35%, 32%, 32% e 31%. Esses números, confrontados com o índice nacional, de 14%, falam por si o quanto a parceria das administrações com os catadores e os empresários deve avançar na senda de uma gestão sustentável do lixo.

O que terminamos de elencar são as dificuldades, não o estado de espírito. Disse certa vez o ambientalista Paul Hawken: “Não se deixem dissuadir por pessoas que não sabem o que não é possível. Façam o que precisa ser feito,

e verifiquem se era impossível exclusivamente depois que tiverem terminado”. É exatamente essa a prédica que move os que investem na sustentabilidade. É esse o clamor de uma gestão de excelência do lixo.

Maurício Waldman é doutor em Geografia pela USP e pós-doutor em Geociências pela UNICAMP. Atuou como coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo e chefe da Coleta Seletiva de Lixo da capital paulista. Pesquisador da área de resíduos sólidos, é autor de *Lixo: Cenários e Desafios* (Cortez Editora, 2010), obra finalista do Prêmio Nacional Jabuti de 2011 no quesito melhor livro de Ciências Naturais.



Divulgação

LLOYD TIMBERLAKE
DO WORLD BUSINESS
COUNCIL FOR
SUSTAINABLE
DEVELOPMENT (WBCSD)
Junho 2007 ■ IS08

O debate sobre sustentabilidade nunca esteve tão forte. Algumas das mudanças necessárias, porém, são difíceis de serem concretizadas. O que as empresas devem mudar fundamentalmente?

Mudança é sempre difícil, especialmente em uma grande empresa. Mas, em 1992, inventamos a palavra ecoeficiência, que é fazer mais com menos. Tem sido interessante observar como algumas das empresas líderes levaram a sério esse conceito e começaram a produzir usando menos energia e outros recursos e materiais. Hoje, costumamos ouvir com mais frequência: “Por que não produzimos menos produtos e faturamos mais dinheiro?” Isso não parece fazer sentido. Mas o que fizeram foi — em vez de criar bens materiais — vender, por exemplo, segurança para grandes empresas. É um programa que não contém nada além de conhecimento. Temos feito mais empresas pensarem sobre isso. O que elas têm que mudar, afinal? As ideias. E questionar: “Como podemos fugir do velho paraíso de produzir muitas coisas e vendê-las, para vender serviços e conhecimento de forma a não consumir tão intensamente os recursos?” Essa é a mudança necessária.

TÍTULOS DE MAURÍCIO WALDMAN SOBRE RESÍDUOS SÓLIDOS NA EDITORA KOTEV



Os RESÍDUOS SÓLIDOS são um pilar central na atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividade em 2016. Saiba mais sobre esta vertente editorial da EDITORA KOTEV:

http://kotev.com.br/?product_cat=lixo

Qualquer dúvida contate o Atendimento da EDITORA KOTEV. Estamos à disposição:

atendimento@kotev.com.br

The advertisement features a woman with long, dark, curly hair looking down at her smartphone. The background is a blurred city street. Overlaid on the right side is the text 'EDITORA KOTEV Sintonizada com o Futuro Digital' in a bold, blue, sans-serif font. At the bottom right, there is a logo consisting of a red lightning bolt inside a blue circle, followed by the text 'EDITORA KOTEV INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE' in a smaller, blue, sans-serif font.